

A história 'doce' de uma alcunha do Sul: *Marmelada*

Maria Valentina Garcia Ferreira
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

1. Introdução – O estudo das alcunhas em Portugal

O estudo das alcunhas cruza referências de várias áreas do conhecimento como a História, a Geografia, a Sociologia, a Antropologia, a Linguística, a Cultura em geral, pois nunca se sabe onde pode chegar a imaginação humana ao criar motivação para um novo Nome a ser atribuído a um indivíduo, por parte dos seus vizinhos, dos seus amigos ou dos seus companheiros. É um processo linguístico e social típico de pequenas comunidades, muitas vezes rurais, em que geralmente todos se conhecem, mostram amizade, camaradagem ou têm interesses comuns partilhados. Embora alguns autores sejam de opinião que as alcunhas são sempre insultuosas ou revelam sentimentos inferiores por parte de quem as inventa, outros pensam que a sua criação é uma “necessidade humana que não distingue classes sociais” (Polanah 1986: 144) e que o fenómeno também pode surgir em pequenos grupos, de qualquer nível etário, onde exista companheirismo ou objectivos em comum. As alcunhas são uma realidade concreta que povoa o universo não só linguístico como simbólico “de milhares de locutores, que se apoiam na palavra oral como instrumento privilegiado de comunicação” (Ramos & Silva 2002: 8).

Em Portugal há por todo o país¹ uma certa tradição popular na recolha de alcunhas, mas interesse académico e práticas sérias de investigação levadas a cabo com metodologia científica, são mais raros, mesmo escassos. De um modo geral acontece o mesmo com a investigação em todos os campos da Onomástica e da Antroponímia em particular, o que é de lastimar. É uma pena terem de ser os estrangeiros a reconhecer e a dizer que o Onomástico peninsular ibérico, enquanto sobreposição histórica das culturas fenícia, grega, céltica, germânica, românica, árabe, judaica, etc, é um ‘paraíso’ para qualquer investigador (Kouznetsova 2004).

O trabalho que apresento foi desenvolvido sobre a alcunha *Marmelada* recolhida há anos (Ferreira & Ferreira 1996) entre cerca de quatro centenas, na cidade de Loulé, no Sul do país. A alcunha tem que ver com a personalidade e as características individuais do seu portador, tendo sido por isso incluída nas alcunhas psicológicas que representam nas alcunhas então classificadas, logo a seguir a atributos físicos, ~33% das

¹ 20% dos mais significativos estudos de Antroponímia feitos em Portugal nos últimos vinte anos, ocupam-se de alcunhas pessoais (V. G. Ferreira 2003 “Onomastics in Portugal” – Study for Meertens Institute, Amsterdam, coordenação de Doreen Gerritzen).

de atributos individuais. Esta alcunha pode ainda encontrar-se noutros centros populacionais do Sul do país, nomeadamente no Alentejo.

2. A marmelada portuguesa (documentação)

Nas formações onomásticas em geral, ao ganhar referência onomástica um nome do léxico comum perde o seu significado semântico próprio. Contrariamente a isto, porém, na formação de alcunhas, estas mantêm no todo, ou pelo menos em parte, essas duas características: referem-se a pessoas ou outras entidades, sem perderem de todo a relação com o significado do elemento original da sua criação.

Tal como já o disse há muito J. L. Vasconcellos (1928: 271), continua a verificar-se hoje em Portugal (Ramos & Silva 2002: 20 e *passim*), que a alimentação, a gastronomia e a doçaria podem oferecer saborosas sugestões para a criação de uma alcunha, um novo Nome que tenha primária ou metaforicamente qualquer relação significativa com o seu portador. No caso presente foi o doce ou compota tradicional de nome *marmelada* a dar a motivação para a alcunha.

Em Portugal desde sempre a marmelada foi feita de marmelos, os aromáticos '*Cydonia oblonga*' (Miller) originários do Mediterrâneo Oriental, provavelmente da Ilha de Creta cuja capital, Canea, tinha anteriormente o nome de Cydon(ia). Ao que se sabe em Portugal, desde o séc. XV, as antigas e novas receitas do conhecido doce sempre incluíram marmelos e açúcar em substituição do mel que foi primitivamente usado.²

Algumas das mais antigas receitas portuguesas estão contidas no *Livro* manuscrito ou '*Tratado de Cozinha*' da Infanta D. Maria, neta do rei D. Manuel I, que o teria levado na sua livraria quando se casou com o 3º Duque de Parma em 1565. O *Livro* está na Biblioteca Nacional de Nápoles com outros manuscritos contidos no 'Codex Português dos sécs. XV e XVI', refº: I.E. 33 e dele dizem historiadores e filólogos: "Começou a ser escrito no séc. XV e muitas das suas receitas reflectirão uma grande antiguidade...No livro de cozinha se trata de 'manjares' que, por outras fontes, vimos que eram usados na Idade Média" (Arnaut & al. 1967: CXXIIIss). "Embora executado em fins da Idade Média, o livro reúne receitas que reflectem em geral hábitos alimentares medievais" (Tavani 1993: 638).

Entre as várias receitas do manuscrito escolhi a Receita [nº 56] de que apresento o facsímile (Anexo 1) como exemplo, e faço a leitura:

'Marmelada de dona Joana'

'Tomarão quatro aRatês de marmelos
E cimquo dacuquar, E os marmelos ão
de ser cozidos nagoa ou ã acuquar
ou Como qujserẽ E se fforẽ na a

² Enc. Pauly-Wissova XV – 30: col. 1302, ll. 25ss.; Isidoro, *Etym.* XVII, 7: 4-5.

goa hão de ser cozidos e tejros E a
 bafados des que fforẽ cozidos E quamdo
 se pisarẽ hamnos de partjr e talha
 das depois daparados. E esta hade
 ser coada por hũia jueira, E des que
 o acuquar ffor clareficado ponha
 se no foguo pera fazer põto E e
 ho acabamdo de coar hão lhe dejtã
 agoa de ffrol E ade ffazer pomto
 que seja como Resinha E etão lhe
 lamcarão os marmelos E desfalõsão
 no acuquar ffora do ffoguo E como
 fforẽ todos desfejtos tornemnos ao fo
 guo E cozerá até que se despida do
 tacho.'

Esta antiga receita do '*Tratado de Cozinha*' da Infanta D. Maria está, no seu conteúdo e descrição de processos, muito próxima das actuais, tal como uma outra que reproduzo no Anexo 2, impressa na *Arte de Cozinha* de Domingos Rodrigues (1683)³.

A *Arte de Cozinha* teve muitas impressões e novas edições com emendas e acrescentos ainda em vida do seu autor, o que quer indicar uma grande divulgação da obra, mas a receita da marmelada manteve-se inalterada. De tal modo que nos parece ter servido de padrão também aos lexicógrafos contemporâneos e não só. Comparemos o texto com a definição de Raphael Bluteau (1716) e facilmente reconheceremos a proximidade:

"*Marmelada*. A commua se faz com quartos de marmelos, cozidos, & pas-
 sados por huma pineira rala com açúcar em ponto de alambre grosso..."

[*Vocabulário Portuguez e Latino*, vol. V: 337]

O mesmo texto serve ainda de base a outras definições usadas noutros dicionários e enciclopédias, tais como Moraes, Figueiredo, GEPB, Aurélio e Acad 2001. E a receita pode ser seguida ainda hoje, como o foi durante séculos em conventos, confeitarias e casas particulares. A tradicional marmelada portuguesa ainda hoje é feita assim, tal e qual, com marmelos e açúcar.

³ Domingos Rodrigues (1637-1719) foi um ilustre cozinheiro do conde de Vimioso a quem dedica a edição de 1683 da sua *Arte*, e chefe de cozinha da Casa Real no tempo de D. Pedro II. Com prática de dezenas de anos e assistência dos banquetes reais, diz-se habilitado a fazer esta *Arte de Cozinha* pois experimentou por sua própria mão tudo o que nela ensina (Rodrigues 1683: fol. 4). A Biblioteca Nacional de Lisboa dispõe de alguns exemplares das várias edições que existem desta obra desde o século XVII até à actualidade, podendo as mais antigas ser consultadas em microfilme. Não quero deixar de mencionar a nova edição de M. da Graça Pericão e M. Isabel Faria (1987) elaborada segundo a edição de 1732 com notas, glossário e também uma actualização do texto.

3. A palavra *marmelo* e as suas derivações

Não é então de admirar que se reconheça no nome comum *marmelada* uma derivação directa do lexema português *marmelo*, pela adjunção do sufixo *-ada* que designa neste caso ‘produto alimentar’.

O pg *marmelo* vem do lat. *melimellum* (/malomellum) adoptado do gr. *μελίμηλον* (REW 5478; Corom; DELP). O ‘μελί (mel) + μηλον (maçã) ficou assim chamado porque era uso comum na Antiguidade cozer o fruto em mel para lhe retirar a adstringência e fazer conserva doce, como atrás referi (Isidoro, *Etym*, XVII, 7: 4-5)

Na palavra portuguesa houve apenas a dissimilação das consoantes líquidas: /l/ > r/l⁴; e a centralização da 1^a vogal átona e > α, diante de consoante vibrante, tal como aconteceu na antiga preposição *pera* > *para* e em *camera* > *câmara*. A forma portuguesa é muito próxima das dos dialectos moçárabes: *malmâlo*, *-mêlo*, *melmêlo* (Corom. *apud* Asin 178), bem como igual à forma galega recolhida por Sarmiento (Corom.), por Garcia de Diego (1954) e por C.Garcia (1985), o que parece sugerir que tenha existido já no galego-português medieval.

Noutras línguas o distanciamento é muito maior. Compare-se o cast. *membrillo* e, com outra etimologia, o cat. *codony*, o gr.mod. *κωδώνι*, o it. *cotogna*, o fr. *coing*, o ing. *quince* ou o al. *Quitte*.

O sufixo *-ada* ainda é hoje um sufixo produtivo em Português, não só para formar nomes de produtos alimentares como *queijada*, *laranjada*, etc. mas também derivados com vários significados e usos metafóricos: ‘conjunto, colecção’ – *manada*, *papelada*; ‘em quantidade ou proporção aumentada e intensificada’ – *chuvada*, *tigelada*; ‘resultado de acção com instrumento ou algo contundente’ – *facada*, *cacetada*, *golpada*; ‘duração prolongada, confusão, desordem’ – *charutada*, *batatada*, *pessegada*, etc.

A palavra *marmelo* só surge documentada em português no século XVI, mas deve ser muito mais antiga, já deve ter pertencido ao galego-português, como confirmarei mais à frente por meio dos topónimos (datados) a que deu origem. É usada em várias accepções e entra em vários campos semânticos:

- (1) (Bot) (a) o fruto *Cydonia oblonga* (Miller); (b) a árvore do mesmo fruto (Morais; Fig; DELP; GEPB; VERBO; Aur.; Acad)
- (2) (Pop) ‘homem tolo, tonto’, ‘patife’ (G. Vicente 1527 ‘Auto da Feira’, *Comp.* I: 170⁵) (Morais; Fig.; Coelho, *Horta* 3(1963), 2: 241; DELP; GEPB; Acad)
- (3) (Pop) ‘seios de mulher’ (Morais; Fig.; GEPB; Acad)
- (4) (Pop, Reg) ‘bebedeira’ – na Ilha do Faial, Açores (*RL* VIII: 305; Fig.; GEPB)
- (5) (Pop, Reg) ‘soco, pontapé’ – Açores (Coelho, *Horta* 3 (1963), 2: 241)
- (6) (Br, pop) ‘zero, a pior nota escolar’ (Fig; GEPB)
- (7) (Pop, ord.) ‘flatulência intestinal’.

⁴ vd. “Inéditos de C. Michaélis, II – Hist da cons. [I] em port.”, *RL* XXVIII: 25

⁵ Disse o comprador Mateus, cortejando Justina, vendedora da feira: “Vós rosa de amarelo, / mana, tendes i queijadas...” / “Tenho vosso avô *marmelo* / Conhecei-lo?” – retorquiu ela. Este mesmo significado (2) de ‘sandio, simplón, tonto’ é também apresentado para o adj. esp. *marmelado(a)* em Salamanca (DHU).

A partir do lexema original vários compostos e derivados se formaram. Além da palavra *marmelada* e seus derivados, de que tratarei a seguir, há nomes de várias espécies botânicas e outros com usos metafóricos:

- (Bot) . *marmelo-bravo*, *m.-do-mato*, *m.-molar* (gamboa – *Cydonia* vulg. lusitan.);
 . *m.-de-bengala* ou *m.-da-índia* (fruto medicinal);
 . *marmelos-gamboas*, *m.-camoeses*, *m.-galegos*;
 . *marmela* (pera flamenga); *m.-de-verão/ inverno*;
 . *marmelinho*, *m.-do-campo*;
 . *marmeheiro*, *m.-branco*, *m.-do-campo*, *m.-do-mato*, *m.-do-sertão*, *m.-da-china*, *m.-do-japão*, *m.-dos-marmelos-molares*;
 . *marmeiral* (Morais, Aurélio);
- (Med) . *vinho-de-marmelos* ‘vinum, malis cydoniis medicatum’ (Bluteau);
- (Reg, Minho) . *marmelas* ‘pontas das chêdas do carro de bois’ (RL XXII: 29);
 . *marmellosas* ‘seios de mulher’ (RL XXIX: 275);
- (Calão) . *marmelo-cru* ‘dificuldade, embaraço, confusão’;
- (Pop) . (*vara*)*pau de marmeheiro* ‘ramo de marmeheiro utilizado para agressão’;
 . ‘*chá*’ ou ‘*razões de marmeheiro*’ – ‘sova, castigo’⁶.

4. O nome comum *marmelada*

A palavra *marmelada* está documentada no século XVI em português, mas deve ser anterior. As receitas do ‘Livro’ da infanta D. Maria onde a palavra ocorre, são, como disse, reconhecidas como mais antigas por historiadores e filólogos que afirmam que elas “reflectem em geral hábitos alimentares medievais” (MANUPPELA & ARNAUT, 1967: XII, CXXIIIss; TAVANI, 1993: 638) e devem ter sido transcritas nos últimos anos do século XV.

Uma data importante ainda não dicionarizada realço agora – a de 1507 – ano do *Inventário* da Infanta D. Beatriz, mãe do rei D. Manuel, onde são mencionados “25 arratees de *marmellada* em talhadas”, p. 90, e “dous queijos de *marmelada*”, p. 98. Para mim este é, até agora, o documento mais antigo onde encontrei a palavra.

Em 1512, como depois em 1545, a palavra *marmelada* ocorria também em cartas expedidas de Portugal para a Índia. Os governadores de Goa, Afonso de Albuquerque e João de Castro, receberam de suas famílias caixas de marmelada e isso é referido na sua correspondência particular. O primo de Afonso de Albuquerque, Lopo, escreve-lhe em 12 de Março de 1512 e entre outras notícias do reino, informa-o que a irmã do governador, Isabel de Albuquerque, lhe envia um contentor com caixas de marmelada. Também em 1545 o amigo de João de Castro, Lucas Geraldês, menciona em carta para o governador que a esposa deste, Leonor Coutinho, lhes envia a ele e seus filhos,

⁶ Bluteau 1716 situa o verso de Camões, “marmeheiro me dá arrependimento”, na “Eleg.7, Estanc.10. Vid. o Comment^o”, mas não o encontrei

algumas delas pelo mesmo navio. É a historiadora inglesa Elaine Sanceau que, muito familiarizada com a documentação portuguesa do século XVI, nos faz esses relatos⁷.

Em 1521 lemos em Gil Vicente, na “Comédia de Rubena”, que o pastor Pedrinho diz a Cismena, filha de Rubena, “Temos tanta marmelada, /que minha mãe m’ há-de dar!” (Cmp. I: 382); e em 1527, no “Auto da Feira” escutamos o Diabo, o ‘sages mercador’, que vem vender “cousas vis” e tenta Roma, a protagonista, querendo vender-lhe marmelada, “enganos infindos” e outras “artes de enganar”(Cmp. I: 153/157).

No século XVII Domingos Rodrigues (1683) inclui a receita da “Marmellada commã” no cap. IX da sua *Arte de Cozinha*: 144, tendo o conteúdo da receita, como mostrei, servido de base às definições dos lexicógrafos dos séculos seguintes, nomeadamente Raphael Bluteau (1716) no seu *Vocabulário*, V: 337.

Modernamente a palavra *marmelada* ocorre em todos os dicionários portugueses, brasileiros⁸ e não só, também nos escritos dos grandes autores de língua portuguesa, como é o caso de Camilo Castelo Branco (1825-1890), Eça de Queirós (1845-1900) ou de Aquilino Ribeiro (1885-1963). Eça, em *A Ilustre Casa de Ramires*, II, narra como o fidalgo Gonçalo Mendes Ramires, saciando a sua “fome ramírica” numa ceia com os amigos, a termina com “um montão de ladrilhos de marmelada”. E em *O Crime do Padre Amaro*, também o padre os aceita de D. Josefa, responsável pela confecção⁹. O Dicionário de Moraes cita ainda *A Mulher Fatal*, IV: 85, e *A Enjeitada*, 37, de Camilo; e *A Batalha sem Fim*, 8: 193, de Aquilino.

A palavra é usada também em acepções diferentes do seu significado primário e entra em diversos campos semânticos que têm aumentado em número e sido enriquecidos no Brasil, como se pode ver:

(1) (Cul) ‘doce de marmelo’ (Em Portugal: sécs. XV – XXI)

(2) (Pop) ‘coisa fácil, sedutora e tentadora’(G. Vicente 1527, ‘A. Feira’ Cp I:153)

⁷ Sanceau, E. 1936; 1944(?) /1957: 204 cita as cartas: de Lopo de Albuquerque (12.Mar.1512) para o primo Governador de Goa: “A Senhora vossa irmã vos envia um caixão com caixas de *marmelada*, o qual vai cheio e pregado...”; e de Lucas Geraldês (Dez.1545) para João de Castro: “A senhora D. Leonor manda a V.S. por este navio um caixão de *marmeladas*”; Sanceau, *ib*: 201 também sugere que Vasco da Gama deve ter levado marmelada para a África e Índia em 1498, mas não documenta.

Sanceau 1946: 277 “Com as cartas do reino também vieram algumas caixas. Uma com marmelada, fora remetida por D. Leonor, embrulhada com grande cuidado para suportar a longa viagem por mar, e fechada hermeticamente, alcatroada nas juntas”.

⁸ Também no Brasil a marmelada tradicional é feita de marmelos cuja cultura lá foi introduzida nos tempos coloniais. No séc. XVIII plantavam-se marmeleiros na Luziania para fazer a prestigiada e famosa marmelada da região de St. Maria. Penso que o nome derivado *marmeleiral* que ocorre em dicionários brasileiros, possa ter surgido aqui.

Recentemente ainda, o cantor Gilberto Gil, actual Ministro da Cultura do Brasil, repetia na cantiga do programa televisivo *Picapau Amarelo*, trocando a ordem dos frutos e das palavras: “...*marmelada* de banana, bananada de goiaba, goiabada de *marmelo*, tchu bi ru, bi ru...”

⁹ Perguntou D. Josefa ao padre: “-...Então não quer provar da minha *marmelada*? – Provarei, disse Amaro, tomando *um ladrilho* em que cravou os dentes com dignidade. – É dos *marmelos* da D. Maria. Saiu-me melhor...” (Eça de Queirós, *O Crime do Padre Amaro* (1875)).

- (3) (Pop) 'pechincha, lucro fácil' (Morais; Figueiredo; Aurélio; Acad)
 (4) (Pop) 'troca de intimidades amorosas' (Morais; DCL-B; Acad)
 (5) (Cal.) 'confusão' (Morais; Figueiredo; GEPB)
 (6) (Br, Bot) 'fruto da marmeladeira' (Morais; Figueiredo; GEPB)
 (7) (Br, Bot) 'variedade de capim' (Morais; Figueiredo; Aurélio)
 (8) (Br, Zoo) 'espécie de abelha' (O. Pratt, *RL* XVIII:127)
 (9) (Br, Gír. escolar) 'reprovação em exame, raposa' (Morais; Figueiredo)
 (10) (Br) negócio desonesto; conlúio no jogo (Aurélio; DCL-B).

Da mesma palavra se formaram derivados e expressões como:

- . *marmelada de borra* (J. de Deus) 'm. feita da pele e dos caroços do fruto; m. de segunda categoria'
- . *ladrilhos de marmelada* (Eça) 'quadrados feitos de marmelada mais consistente'
- . *boneca* ou '*chuchadeira de marmelada*' (Camilo, ap. Morais) 'rolinho de pano cheio de marmelada para servir de chupeta'
- . *puðins* ou *queijos de marmelada* (Invent. Da Infanta D. Beatriz)
- . *marmeladão* ou *marmelada-crúa* 'm. rápida feita com açúcar em pó'
- . (Br, Bot) *marmeladeira* 'n. de árvore' (Morais; Figueiredo)
- . (" , ") *marmeladinha* 'n. de fruto comestível' (Morais; Figueiredo)
- . (" , ") *marmelada-brava; m-cachorro; m-de-cavalo; m-vermelha* (Morais; Aurélio)
- . (Pop) (*ficar*) *em marmelada* 'ficar cozido demais', 'ficar esmagado, em papas'
- . (Pop) (*estar*) *na marmelada* 'trocar intimidades amorosas'.

A partir do século XVI, ou talvez antes, muitas línguas europeias¹⁰ importaram a palavra portuguesa *marmelada* com pequenas alterações fonéticas. Directamente da forma portuguesa, surgiram: várias formas antigas inglesas das quais só persistiu *marmalade* (1480 Corom., Alessio; 1524 OED); esp. *mermelada* (1570 *Voc.* de Christoval de las Casas, ap. Corom.); fr. *mer-/marmelade* (1573/1602 ...1642¹¹ TLF, Larousse, DELF); e (?) it. *marmellata* (1573, 1615 Alessio).

Possivelmente através do inglês ou do alem. *Marmelade* (1597 Kluge, Alessio), a palavra passou às línguas nórdicas: dinam., neerland. e let. *marmelade*, lit. *marmeladas*, sue. *marmelad*; pelo sueco, finl. *marmelaadi*.

Provavelmente pelo francês (e/ou pelo italiano): rom., serv. e croat. *marmelada*, ch. *marmeláde* (Hamplová & al.), gr. mod. *μαρμελαδα*, russ. *мармелад* (Vaser), sardo *mermelada* (Wagner). Desde os finais do séc. XIX há o esperanto *marmelado* (EE-A).

Entretanto ocorreu na Europa um alargamento do significado primário da palavra. Com a descida de preço do açúcar no século XVI, em muitos países europeus se quis

¹⁰ Corominas (s.v. membrillo, nota 4) data o ingl. *marmalade* em 1480, mas não documenta.

Leimgruber-Guth (1968: 84) afirma: "*Marmelada* ist eines der wenigen portugiesischen Wörter, die international geworden sind. Seine Ausbreiten begann in 16. Jahrhundert (vielleicht schon Ende 15. Jhd) und erobert allmählich ganz Europa".

¹¹ A expressão francesa 'en marmelade' com o mesmo significado da expressão portuguesa correspondente, ocorre na fábula "O cavalo e o lobo" de La Fontaine (1668) 1856: 69, vv.30-32: "L' autre [le cheval] ... lui lâche une ruade/ Qui ... lui met *en marmelade*/ les mandibules, et les dents".

fazer marmelada mesmo sem haver marmelos. Vários outros frutos os substituíram na apreciada confecção, e o nome desta começou a referir também pêssego, morango, ameixa, etc. Há notícia em França deste conceito alargado, o de 'doce de qualquer fruto', e o *Trésor* de César Oudin no início do século XVII, deve ser o 1º documento conhecido a apresentá-lo; de França passou a Espanha (Corom. indica em 1791 e Acad. Española em 1884) e toda a Europa e América do Norte o adoptaram.

Uma outra alteração de significado, o de 'marmelada de laranja', ocorreu em inglês nas últimas décadas do séc. XIX. Os Dicionários de Skeat (1898), OED (1933) 1961, de Chambers (1972) e a *Enc. Brit.*, dizem que a confecção era originalmente de marmelos mas *hoje é geralmente de polpa de laranja*¹².

5. Toponímia

As palavras *marmelada*, *marmelo* e algumas das suas formas derivadas deram origem a catorze **Topónimos** (Hidrónimos, Orónimos e Hodónimos) conhecidos em português, com 77 ocorrências, das quais se localizam 65 em Portugal Continental, uma na Ilha da Madeira, 10 no Brasil e uma na Ilha do Príncipe, STP (cf. P.A.M, S. Lopes, A. Costa, GEPB, VERBO, DOELP, EE-A). Os topónimos do continente português distribuem-se 5 pelos concelhos do Norte (N), 21 pelos do Centro (C) e 39 pelos do Sul (S):

Marmelo – Tomar (C); Sintra, Ferreira do Alentejo (S);

“ 2 orón.s nos Estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais (Br);

“ 2 hidrón.s – Ilha do Príncipe (STP); Estado de São Paulo (Br)

Marmelos – Mirandela (N); Castelo-Branco (C); Alandroal, Alvitto, Serpa (S);
Estado do Amazonas (Br);

“ 2 hidrón.s – afl. e ilha do rio Madeira (Br)

Marmela – Torres Novas (C)

Marmelada (hidrón.) – Estado de Minas Gerais (Br)

Marmelal (s.XIII) – Armamar (N); Vila V.de Ródão, Santarém (C); Odemira (S)

Marmelais – Tomar (C)

Marmelar (s. XIII) – Portel, Serpa, Vidigueira (S)

Marmeadeira / Marmedeira (s. X) – Mortágua, Coimbra, Lousã (C); Óbidos,
Rio Maior, Estremoz, Arraiolos, Montemor-o-Novo, Portel,
Santiago de Cacém, Grândola (S);

“ hidrón. – rib. Mortágua (C)

Marmealeiro – Braga, Torre de Moncorvo(dois) (N); Guarda, Sernancelhe,
Coimbra (2 hodón.s), Lousã, Idanha-a-Nova, Sertã, Tomar,
Caldas da Rainha (C); Chamusca, Alenquer, Loures, Avis,
Vila Viçosa, Santiago de Cacém (quatro), Almodôvar,
Alcoutim, Loulé (S);
Paraná (Br)

¹² OED VI: 177 “Ofen with prefixed word, as *apricot, lemon, orange, quince marmalade*; when there is no word prefixed, *orange marmalade* is now commonly meant”.

- “ hidrón. – Estado de São Paulo (Br)
Marmeieiros – Pampilhosa, S. João da Pesqueira (C); Estremoz, Ourique,
 Loulé (hodón.) (S); Funchal (I. da Madeira)
Marmelete – Monchique (S)
Marmelinhos – Palmela (S)
Marmeieirinho – V. Viçosa, Santiago de Cacém, Odemira (três) (S)
Marmelópolis – Estado de Minas Gerais (Br).

Olhando a um quadro de percentagens referente a Portugal Continental, incluído no Anexo 3, verifica-se que enquanto o Norte contém apenas 7.7 % e o Centro uma percentagem de 32.3, o Sul dispõe de 60% de topónimos derivados do primitivo nome comum. Se adicionarmos os do Centro e os do Sul (92.3 %), pode concluir-se que a grande maioria deles se distribui ao Sul do rio Douro, e muito especialmente pelo Sul do país. Como quase todos estes topónimos são na realidade fitotopónimos, isto é, topónimos derivados de nomes botânicos, correlaciono a intensidade na distribuição das suas ocorrências com a maior existência das espécies botânicas neles referidas no Centro e Sul do país, o que é consequência climática.

Os topónimos *Marmeieira/Marmedeira* e *Marmelar/Marmelal*, estando documentados respectivamente nos séculos X e XIII (DOELP), são prova de que o nome comum primitivo que lhes deu origem já então fazia parte do léxico da língua portuguesa; e a palavra *marmelo* é portanto muito anterior aos documentos até hoje conhecidos (do séc. XVI) onde ela ocorre. Estes nomes de lugar são documentos da Toponímia para a História da Língua.

6. Antroponímia

Do mesmo nome comum primitivo *marmelo* (e formas derivadas) se formaram também doze **Antropónimos** em português, sendo uns nomes de família ou apelidos (Apel.) e outros, alcunhas (Alc.). *Marmelada* está incluída nos doze e é exemplo de antropónimo que ocorrendo primeiramente como alcunha, hoje é também apelido.

Nas *Listas Telefónicas* portuguesas são mencionados sete apelidos num total de 279 ocorrências, assim distribuídas:

<i>Marmelo</i> – MH 0, RP 7, TM 5 (Norte do Douro 12)	
AV 2, CL 19 (Beiras 21)	
CS 7, SN 13, ZN 13 RE 42, CS, LX 10, ZS 25, AT 82, AG 3	
(Sul 185)	subtotal 218
<i>Marmeieiro</i> – MH 1 (N Douro 1)	
AV 1, CL 2 (Beiras 3)	
RE 1, SN 4, ZN 5, LX 2, ZS 5, AT 6 (Sul 23)	subtotal 27
<i>Marmelada</i> – (N Douro e Beiras 0)	
RE 2, CS 3, LX 11, AT 3 (Sul 19)	subtotal 19
<i>Marmeieira</i> – (N Douro e Beiras 0)	
SN 1, ZN 5, AT 5 (Sul 11)	subtotal 11

<i>Marmelete</i> – (N Douro e Beiras 0)		
AG 2	(Sul 2)	subtotal 2
<i>Marmelinda</i> – (N Douro e Beiras 0)		
AT 1	(Sul 1)	subtotal 1
<i>Marmelindo</i> – (N Douro e Beiras 0)		
ZS 1	(Sul 1)	subtotal 1.

Como se vê, do total das ocorrências dos antropónimos, 242 pertencem ao Sul, o que representa uma percentagem de 86.7. Alguns destes apelidos que são simultaneamente alcunhas, bem como outras cinco alcunhas, são mencionados em diferentes épocas, em outras fontes:

- Marmelo* – Alc. no Alentejo, 5 ocorrências (Vasc: 263; DOELP; TAAL)
 Apel. em Portugal e no Brasil (Nascentes II: 363; DOELP)
 Séc XV: João Marmello (1433 – *Monum. Henric. IV*: 230)
 sécs XVII/XVIII (*Fam. Bras. II*: 1434; GEPB)
 sécs XX/XXI (ANP I: 445)
- Marmelo Embuchado* – Alc. no Alentejo (TAAL)
- Marmela* – Alc. (mulher ou filha do *Marmelo* – DOELP)
- Marmeheiro* – Apel., sécs XV? e XVI (DFP; VERBO)
 séc XVII (DOELP)
 séc XIX (GEPB)
 sécs XX e XXI (GENEA)
- Marmeieira* – Alc. no Alentejo (TAAL)
- Marmelista(s)* – Alc. gentílica dada aos habitantes de Santarém pelos seus vizinhos da Ribeira (Morais; Figueiredo; GEPB)
- Marmelado* – Apel, antiga Alc. (DOELP)
- Marmeladinhos* – Alc. no Alentejo (TAAL)
- Marmelete* – Antiga Alc.? e Apel.(DOELP)
- Marmelada* – Alc e Apel (Vasc: 271; DOELP; Ferr. & Ferr. 1996; DAA;TAAL).

7. O Antropónimo *Marmelada*

Não é estranho que o nome *marmelada* tenha produzido uma alcunha. Com efeito, assim como a brandura, a suavidade, a doçura ou a sedução da famosa compota são usadas como termos metafóricos no léxico comum, também essas características foram consideradas belas sugestões para classificar atitudes e comportamentos humanos, ao produzir um novo Nome para atribuir a alguém. A alcunha passou depois a apelido ao ser registada civilmente, como aconteceu com outras.

Depois da alcunha *Marmelo* encontrada em Nisa, J. L.Vasconcellos (1928: 263 e 271) registou igualmente *Marmelada* como apelido e como “alcunha alusiva a comidas e bebidas”. Encontrou-a também como nome de firma comercial, ou ergónimo, de Lisboa em 1792.

Foi, sem dúvida, João de Deus (1830-96) quem celebrizou a alcunha *Marmelada*, quando ainda estudante a atribuiu, com os colegas, a um lente de Teologia da Universidade de Coimbra que dava muitas reprovações. (Parece haver aqui alguma relação semântica entre marmelada/ ‘raposa, mau resultado no exame’, como existe no Brasil). O *DAA* cita até o nome desse professor, que não repito por razões éticas. Dando-lhe o título de “Marmelada”, [‘servida’] em dois “pires” ou partes, João de Deus escreveu um longo poema satírico de sessenta e cinco estrofes, atacando o professor com toda a espécie de irreverências e impropérios de que a sua juventude foi capaz. Aqui cito alguns versos:

“... Deves fazer penitência,/ *Marmelada*, do que fazes;
Bem vês que somos rapazes,/ Podemos-te ir aos fagotes.

...

No teu caso não se mete/ Ninguém em tais andaduras:
Pôr *RR* nas criaturas/ Que te aturaram um ano!

...

Ah *Marmelada*...chicória!/ Bicho intruso em espécie humana!
Espantalho de sotaina/ E... não sei que mais te chame.

...

Meu *Marmelada de borra!* ...”

[*Campo de Flores*, II, Poemetos: “Marmelada” pp.170-181].

A alcunha é também incluída no *Tratado das Alcnhas Alentejanas* da autoria de F. Ramos e C. Silva (2002), referindo-se a ‘homem que é muito guloso’ e ‘homem que anda com muitas mulheres’ e foi encontrada em Aljustrel (duas ocorr.), Monforte, Campo Maior e Portalegre.

A alcunha *Marmelada* de Loulé (Algarve), foi recolhida há anos (Ferreira & Ferreira 1996) e faz parte de uma lista de cerca de quatrocentas que então classificámos em dez categorias. Incluímo-la na subcategoria das características psicológicas, com 33.1 %, dentro da categoria das características individuais que representava 42.4 % do total das ocorrências. Tinha sido atribuída a um homem do nosso conhecimento que: (a) gostava muito de doces, era muito guloso e talvez por isso tivesse o hábito, discreto mas repetido, de cuspinhar para os lados; (b) tinha um coração terno e meigo, especialmente com mulheres a quem tinha o hábito de tocar no braço enquanto lhes falava. Um filho seu terá herdado a alcunha. No pai, classifico-a como uma *alcunha individual, masculina, adquirida, referencial, gastronómica e comportamental*. No filho passará a ser *herdada*, em vez de *adquirida*.

8. Conclusões

A alcunha *Marmelada* tem como muitíssimas vezes acontece, origem num nome comum e mantém com este apesar da sua referência onomástica própria, uma parte de sobreposição do conteúdo semântico.

Não restam dúvidas de que o nome comum *marmelada* é de origem portuguesa. Embora se saiba que é palavra do século XV, hoje a sua atestação mais antiga é de 1507 (*Inventário da Infanta D. Beatriz*). Da língua portuguesa irradiou para a maioria das línguas europeias no século XVI.

A palavra *marmelo* e formas derivadas deram origem a 14 topónimos em Portugal Continental, com 32.3% das suas 65 ocorrências localizadas no Centro, e 60% localizadas no Sul. As mesmas formas, incluindo *marmelada*, originaram 12 antropónimos, apelidos e alcunhas.

Os apelidos que ocorrem nas *Listas Telefónicas* portuguesas têm uma representação de 86.7% nos concelhos do Sul.

A alcunha recolhida em Loulé encontra-se também noutros centros populacionais do Sul, nomeadamente no Alentejo.

Referências Bibliográficas:

- Acad. = *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Academia das Ciências de Lisboa. 2 vols. Lisboa: Verbo 2001
- ALESSIO, Carlo B. G. (1952) *Dizionario Etimologico Italiano*. Firenze: G. Barbera
- ANP = *Anuário da Nobreza de Portugal*. Dir. Manuel M. Correia. Lisboa: IPH 1985
- AURÉLIO = *Novo Dicionário AURÉLIO da Língua Portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1986
- BLUTEAU, Raphael (1716) *Vocabulário Portuguez e Latino*. Lisboa: Off. de Pascoal da Sylva
- CHAMBERS *Etymological English Dictionary* ed. by A. M. MacDonald. Edinburgh and London: W & R Chambers Lt 1972
- COELHO, Horta = COELHO, Manuel de Ávila (Frei Pedro) (1962) "Vocabulário Regional das Ilhas do Faial e Pico". *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, vol. 3, nº 1 (1962): 55-139; nº 2 (1963): 231-390
- COSTA, Américo. *Diccionario Chorograph. de Portugal Cont. e Insular*. 12 vols. Porto: Civilização 1929/49
- DAA = *Dicionário das Alcinhas Alfacinhas*. Autor desconhecido. Introd. e notas de F. Santana. Ed. do Grupo 'Amigos de Lisboa'. Lisboa: Livros Horizonte 2001
- DCL-B = VILLAR, Mauro S.. *Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed Guanabara 1989
- DELP = MACHADO, José P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 5 vols. 3ªed. Lisboa: Livros Horizonte 1977
- DEUS, João de (1830-1896). *Campo de Flores*. 8ª ed. vol. II. Lisboa: Bertrand s/d.
- DFP = *Dicionário das Famílias Portuguesas* de Luiz L. TÁVORA. 2ª ed. Lisboa 1999
- DOELP = MACHADO, José P. *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. 3 vols.. Lisboa: Confluência s/d [1984]
- EE-A = *Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-Americana*. 70 vols + 33 Ap e Sup. Bilbao, Madrid, Barcelona: Espasa-Calpe S.A., s/d

- Fam. Bras. = *Dicionário das Famílias Brasileiras* de Carlos A. BARATA e António H. C. BUENO. São Paulo: Originis-X
- FERREIRA, J-R. & V.G. FERREIRA (1996) "Personal Nicknames in Loulé, Portugal". Nicolaisen, W.F.H., ed. (1998) *Proceedings of the XIXth International Congress of Onomastic Sciences* – Aberdeen University, 3: 124-130
- FIGUEIREDO, Cândido de (1939) *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2 vols. 24ª ed. Lisboa: Bertrand 1991
- GARCIA, Constantino (1985) *Glosario de voces galegas de hoxe*. Sant. de Compostela: Universidade
- GENEA = [http:// Genealogia.sapo.pt](http://Genealogia.sapo.pt)
- GEPB = *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. 37 vols + 3 Apend. + 10 Actualizações. Lisboa/ Rio de Janeiro 1935/60 + Livros do Ano
- GOMES FILHO, António (1963) *Um tratado de cozinha portuguesa do século xv*. Ed. facsimilada. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro
- HAMPLOVÁ, S. & J. JINDROVÁ (1997) *Česko – Portugalský Slovník*. Leda
- Inventário da Infanta D. Beatriz, 1507* – Publicação de A. Braamcamp Freire em *Arqueólogo Hist. Português*, IX: 64-110. Lisboa 1914.
- ISIDORO de Sevilha (San) (560?-636) *Etymologiarum/Etimologías*. Ed bilingue Lat./Cast. de J. Oroz R. e M. A. Marcos C.. 2 vols. Madrid: Bib. Autores Cristianos 1983
- KLUGE, Friedrich. *Etymologisches Wörterbuch der Deutsche Sprache*. 17ªed. Berlin 1957: Gruyter & Cº.
- KOUZNETSOVA, Lidia (2004) "Interkulturelle Aspekten der Namengebung im Mittelalter auf der Iberischen Halbinsel". *Network for Intercultural Onomastics*. NIO-online.net
- LA FONTAINE, Jean de (1668) *Oeuvres Complètes*. Paris: J. Bry Ainé 1856
- LAROUSSE = *Grand LAROUSSE de la langue française*. 7 vols. Paris: Larousse 1975
- LEIMBRUGER-GUTH, Veronika (1968) "Katalanisch *Codonyat*, Portugiesisch *Marmelada* – Ihr Schicksal nach den Kochbüchern des fünfzehnten und sechzehnten Jahrhunderts" *Est. Románics* (Barcelò IEC) XVIII: 75-94
- Listas Telefónicas* – PT Comunicações, Lisboa 2004: AG=Algarve; AT=Alentejo; AV=Beiras-Aveiro/Viseu/Guarda; AZ=Açores; CL=Beiras-Coimbra/Leiria/Castelo-Branco; CS=Linha de Cascais; LX=Lisboa; MA=Madeira; MH=Minho e Douro Litoral; RE=Ribatejo e Estremadura; RP=Região do Porto e Sul do Douro; SN=Linha de Sintra; TM=Trás-os-Montes e Alto Douro; ZN=Zona a Norte de Lisboa; ZS=Margem Sul do Tejo.
- LOPES, João-Baptista da Silva (coord) *Diccionario Postal e Chorographico do Reino de Portugal*. 3 vols. Lisboa 1891/4: Imprensa Nacional
- MADOZ, Pascual (1845-50) *Diccionario Geográfico-Estadístico-Histórico de España y sus Posesiones de Ultramar*. Ed. fac. da de Madrid 1845-50. Valladolid: Ambito Ed. 1984-88. 17 vols + 2 tomos (Valência).
- MANUPPELLA, G. & S. D. ARNAUT (ed. lit.) (1967) *O "Livro de cozinha" da Infanta D. Maria de Portugal*. Coimbra: Universidade.

- MOLINER, Maria. (1986) *Diccionario de uso del Español*. 2 vols. Madrid: Gredos
- Morais ¹⁰ = MORAIS e SILVA, António. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 10^a ed. 12 vols. Lisboa: Confluência 1949-59
- OED = *Oxford English Dictionary* (1933) reimp.1961 + Suppl.1976-82.. 2^a ed. 20 vols. Oxford: Clarendon Pr.
- P.A.M = *Portugal Antigo e Moderno – Diccionario Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico*. Por Augusto S. de PINHO LEAL (1873ss). Edição facsimilada no 1^o centenário da sua publicação. Lisboa: Tavares Cardoso e Ir.
- PAULY & G.WISSOVA. *Real – Encyclopädie der Class. Altertumswissenschaftl*. Stuttgart: J.B. Metzlersche 1932.
- POLANAH, Luís (1986) “O estudo antropológico das alcunhas”. *RL*. Nova Série 7: 125-145
- PRATT, Oscar (1912) “Notas à margem do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*”. *RL* XVIII (1915): 65-162
- RAMOS, Francisco M. & Carlos A. SILVA (2002) *Tratado das Alcinhas Alentejanas*. Lisboa: Colibri.
- RL = *Revista Lusitana*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- RODRIGUES, Domingos (1683) *Arte de Cozinha*. Lisboa: Off. João Galvão
- SANCEAU, Elaine (1936) *Indies Adventure – The amazing career of Afonso de Albuquerque, Captain-General and Governor of India (1509-1515)*. London and Glasgow: Blackie & Son Ld
- SANCEAU, Elaine (1944?) “Os heróis e a marmelada”. *Casos e Curiosidades*: 201-5. Porto: Tp Gonçalves 1957
- SANCEAU, Elaine (1946) *D. João de Castro*. Trad. portuguesa. Porto: Civilização
- SKEAT, Walter W. *An Etymological Dictionary of the English Language*. 3rd ed. Oxford: Clarendon Press 1898
- TAAL – vd. RAMOS, Francisco M. & Carlos A. SILVA (2002)
- TLF = *Trésor de la Langue Française – Dictionnaire de la Langue du 19e et du 20e siècle élaboré par le CNRS (1789-1960)*. 15 vols. Paris: Gallimard 1985
- VASCONCELLOS, J. Leite (1928) *Antroponímia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional
- VASER, Max (1979) *Russisches Etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg: Carl Winter – Universitäts Verlag.
- VERBO = *VERBO – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: ed Verbo 1971
- VICENTE, Gil (1465-1536) *Compilaçam de todas as obras...* 2 vols. Ed. de M. Leonor C. BUESCO. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda 1983
- WAGNER, Max. *Dizionario Etimologico Sardo*. 3 vols. Heidelberg: C. Winter 1962

A HISTÓRIA 'DOCE' DE UMA ALCUNHA DO SUL: MARMELADA

Marmelo e form. deriv. - TOPÓNIMOS					
	PORTUGAL (N + C + S + M)	PALOPs (A)	BRASIL (Br)	ESPANHA (Es)	Outr Reg.
Marmelo (hidrón.)	Tomar (C); Sintra, Ferr. do Alentejo (S)	Ilha Príncipe, STP	Es. Rio de Jan. e de Minas Ger. E. São Paulo		
Marmelos (hidrón.)	Mirandela (N); Castelo-Branco (C); Alandroal, Alvito, Serpa (S)		E. Amazonas Rio Madeira (dois)		
Marmela Cst. Marmelá Marmelada (hidrón.)	Torres Novas (C)			Tarragona	
Fr. Marmelade Marmelal s.XIII			E. Minas Ger.		Haiti
Marmelais	Tomar (C)				
Marmelar s.XIII Cst. ----- de Abajo Cst. ----- de Arriba	Portel, Serpa, Vidigueira (S)			Burgos	
Marmeieira s.X (hidrón.)	Mortágua, Coimbra, Lousã (C); Óbidos, Rio Maior, Estremoz, Arraiolos, Montem.-o- Novo, Portel, Sant.- Cacém, Grândola (S) Rib. Mortágua (C)				
Marmeieiro (hidrón.)	Braga, Tor. de Moncorvo (dois) (N); Guarda, Semancelhe, Coimbra (2 hidón. s), Lousã, Idanha-a-Nova, Sertã, Tomar, Cal. da Rainha (C); Chamusca, Alenquer, Loures, Avis, Vila Viçosa, Sant.- Cacém (quatro), Almodôvar, Alcoutim Loulé (S)		E. Paraná E. São Paulo		
Marmeieiros	Pampilhosa, S. João da Pesqueira (C); Estremoz, Ourique, Loulé (hidón.) (S) Funchal (M)				
Mrmeleto	Monchique (S)				
Marmelinhos	Palmela (S)				
Marmeieirinho	Vila Viçosa, Santiago de Cacém, Odemira (M-de-Cima, M-do- Meio e M-de-Baixo) (S)				
Cst. Membrillo Alto Cst. Membrillo Alto " ----- Bajo Cst. Membrilla			E Minas Ger.	Huelva Ciudad Real	
TOTAL = 84	Portugal = 66 (65 + 1) (N = 5; C = 21; S = 39) (M = 1)	A = 1	Br = 10	Es = 6	1
PERCENT. PORT. CONTINENTAL		NORTE	CENTRO	SUL	
65 = 100%		7.7	32.3	60.0	

Marmelada de dona J^a

tomarao quatro a batidas de marmelo
 de um q' da cuquai / Dos marmelão
 de ser cozido na goa ou da cuquai
 ou como qu' se se for a
 goa haõ de ser cozido a fogo
 baçados des q' se cozidos e quando
 se pisarã hamos de partir e tallar
 das depois da passados / Esta ha de
 ser coada por humã jureira / Des q'
 o aciguai se vi clarificado ponha
 se no fogo para fazer pote da
 ho acabando de coar haõ de ser fur
 a goa de ser a cada fazer ponto

Seja como se se haõ e molhe
 lamelas os marmelo e desfalosã
 no aciguai / Agora de ser como
 se se haõ de ser a cada fazer ponto
 a cozeria ate q' se despidu do
 facho /

CAPITULO. IX. & ult.

De doces de frutas.

PRIMEIRO PRATO.

Marmellada commua.

Cortados os marmellos em quartos ,
 limpos, & aparados sem caroço , nem
 grainha, ponhão-se a cozer, depois de cozidos
 passem-se por hũa pincyra ralla : deyte
 se em dous arrarês de assucar em ponto de
 alambre grosso hum arratel de massa : como
 estiver muito bem desfeta a massa no assu-
 car, ponhate o tacho no lume hum nada em
 quanto ergue fervura, tirese do lume, deite-
 lhe ambar, ou almiscar se quiserem, deite se
 nos covilhetes, & ponhate a cozar ao Sol.

Do mesmo modo se faz marmellada de
 cambray, deitandohe mais hum arratel de
 assucar, que he a dous arrates de massa tres
 de assucar.

2. Ma-